

**Tudo
sobre
pés
(A teus
pés)**

Meus pés são cegos, reclamam bocas tortas de erro.
Meus pés são infelizmente cegos. São o que é ainda possível me ser, mas são cegos. Pés é onde mais longe chego, mas real verdade não praticam meus pés – não vêem. E não é louvável não ver. Reclamo. Dizem olhos tontos de si. Ser olho é que é ser. E pés não ajudam. Ser tão longe ser não justifica tão distraído eu, tão resignado mim. Não vêem. Reclamo. Ora por quê?

Por que não reclamo assim? Meus pés são a prova de que ser cego é ser pé. Não ver é ser um pé sem reclamações.
Meus pés não cobro deles a visão. Meus pés não serem olhos é atitude prática deles que não sabem ser outra coisa.
São pés. São pés calados e dignamente cegos.

Quando eu era morta, era dois pés cegos de vida.
Não era morte, nunca praticava vida. Era assim com uma calma escandalosa, quando eu era morta era um não-ser tão distraído do haver-tudo! Isso não me compreendem olhos viciados. Olhos viciados obrigam tempo de morta a se conjugar em vida. Quando eu era morta justamente não havia verbo ou vida. Era justo isso que não havia.
Era só isso que não havia. O resto havia. Sobretudo pés.

VERÃO NA SALA!

Era 1 vez 1 viagem. Claro, para outro lugar. O tempo de passar era o presente, mas principalmente o passado agia.

Com exatidão: viajei levando comigo 2 anos mais tarde. Nenhuma inocência: 1 volta, 1 viagem carregada de terem passado 2 anos.

Era assim, não era inocente, mas era também distraído. Pois em 6 horas de ônibus cabem árvores, lanches e só as vírgulas é que são o assunto. O assunto: 2 anos depois.

Mas o ônibus 1 momento acabou, e ele nem era assim tão importante. Era apenas ter feito boa viagem. Mas isso eu só soube mesmo depois. O grande assunto viveu-se mesmo durante o depois.

O grande assunto: como vai.

1 vez considerada 1 pessoa que chegou cansada da viagem, que se sentou aliviada nas pernas e que comeu o prato depois de estar descansada, começou a duração. Falo de tempo: a duração de 9 horas n' 1 verão na sala.

Era sala. Evidentemente era sala. 16 numerosas gentes que não tinham viajado, que tinham ficado. O grande assunto, o ar onde se viveria no durante tempo indefinido chegou passados 15 minutos.

Como vai.

2 anos acumulados de como vai estavam presentes na sala. Mas estava tudo pintado de calma. Era verão, ainda.

Como vai é fácil, pensei, basta ter calma.

Como vai? Ah, como vai. Como vai!

O tempo precipitou uma resposta nervosa: vou bem.
Estava esgotado o assunto.

Mas havia a vivência real do pós-vou bem. Vou bem durou fração de segundo. Só. E 8 horas pela frente ali estavam e ali permaneceram.

1 pouco esperta, apresentei outro como vai, meu como vai de direito, e recebi resposta volumosa, em blocos definidos de passado: 1 emprego, 2 desastres, 2

desentendimentos, 3 espécies de relacionamentos, algumas novidades. Fiz as contas e o resultado era 11.

Como vai voltou e mais 1 vez esqueci a resposta. Como vai?

Já sei: mais ou menos 8. Menti e desapontei.

8 é número! 8 é número! Furiosos estavam. Como vai?

Calma. Calma, está certo, está tudo certo. 2 anos foram vividos, chegou a hora da calma e da resposta.

Mas então chorei. Chorei. Meu nariz está confuso, lembrei, mas chorar não existe assim.

Mas existiu. Meus inúmeros se organizaram em outras bocas. Chorosa ouvi meus 2 anos formarem história onde choro era possível. Estava salva. Meu nariz se conformou.

Nada disso aconteceu. Era sala, era verão, mas não chorei. Isso nunca existiu.

Como vai voltou, mas resposta é evidente que dei.

Como vai? Assim: 1 trabalho pequeno, 4 cursos atrasados, 1 dieta de legumes e fim.

Outros olhos se acalmaram. Foi enfim possível constatar a que ponto eu era eu mesma. Ah, bom, 2 anos confirmados de mesma coisa ou sinônimos.

Meu nariz confuso mas reconhecidamente nariz e confuso.

No escuro da noite depois, contei uma história para mim. Era uma coisa de sala, e de ser verão na sala. Líquido ponto de vista, compus uma sala alegre, sala sem como vai. Meu livro gerúndio daqui acrescentei aos móveis e outros. Li. O verão todo era eu. Meus olhos o lustre, meu beijo o sol na janela. Contente de duração, as letras desenhavam o chão e as paredes, e eram minhas.

“A vida é mesmo engraçada”, concordei. Abri meu livro esse-aqui e me abanei com mil folhas de papel.

LÚCIA LEAL FERREIRA